

Tradução do “Hino a Vênus”, no próêmio do *De rerum natura*

Translation of the “Hymn to Venus”, in the proem of *De rerum natura*

Saulo Santana Aguiar*, Alcione Lucena de Albertim**
saulo.classicas21@gmail.com
lucena25@hotmail.com

Introdução e contextualização da obra

O poema *De rerum natura*, de Lucrécio, composto na primeira metade do século I a. C., é considerado por muitos como uma das obras de maior importância de toda a história da literatura latina, marco da passagem do período arcaico dessa literatura para o seu período clássico, constituindo-se, por isso mesmo, como uma poesia de difícil classificação, por comportar em si rasgos linguísticos e literários tanto de uma época como de outra. Na realidade, seja por sua temática árdua e complexa, seja por sua técnica renovadora, esse poema filosófico de fundo epicurista, embora tenha exercido influência sobre a figura de grandes nomes da cultura romana posterior, como Virgílio e Ovídio, que em muitos de seus versos não se furtaram a render homenagem ao grande poeta épico-didático de língua latina, não chegou a fazer escola, permanecendo, em sua tradição literária, como uma obra única e isolada¹, lida e celebrada por um público qualificado mas reduzido, que lhe garantiu a posteridade.

Mas as razões para o seu isolamento, estas não são difíceis de entender, se se levam em conta a intenção didática subjacente ao texto do poema e a difícil empresa a que o poeta se sujeitou ao procurar descrever a origem e formação do *cosmos* à luz da doutrina física epicúrea – coisa jamais tentada por qualquer outro autor romano –, utilizando-se para tanto de uma linguagem encantadora e bela, capaz de prender atenção de seu leitor, de modo que este venha a adentrar os meandros da filosofia de Epicuro, para assim libertar-se dos medos e temores que o atormentam em vida acerca dos deuses, da morte e das punições infernais, que a religião impingiu aos homens, a fim de,

* Graduado em Letras Português e mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba, com experiência na área de Letras Clássicas, e na tradução de textos clássicos em grego e Latim.

** Possui Licenciatura plena em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (2006), mestrado pela Universidade Federal da Paraíba (2008) e doutorado pela Universidade Federal da Paraíba (2012). É professora do curso de Letras Clássicas da Universidade Federal da Paraíba e coordenadora do MYTHOS - Núcleo de Estudos da Mitologia Greco-Latina.

¹ Ainda que se aponte na literatura latina a existência de obras como as *Geórgicas*, de Virgílio, e as *Astronômicas*, de Manílio, continuadoras da grande tradição didática antiga, da qual o *De rerum natura* se faz um de seus expoentes, é forçoso dizer que nenhuma dessas acima mencionadas segue plenamente o mesmo caminho aberto pela poesia lucreciana, tendo em vista serem as *Geórgicas* um poema muito mais próximo do didatismo hesiódico, com certas influências de Lucrécio, e as *Astronômicas*, embora dialoguem com muitos versos ou passagens inteiras do *De rerum natura*, abarcarem uma temática muito menos ampla, diferentemente de seu antecessor epicurista, já que dirigem seu assunto apenas ao estudo dos corpos celestiais, à semelhança da poesia de Árato de Solos, e guiadas pelos ensinamentos do estoicismo.

conforme os ensinamentos dessa doutrina, tutelá-los e dirigir-lhes o destino. Dessa maneira, o intento principal da poesia lucreciana seria servir de fonte de transmissão da verdade sagrada revelada pelas palavras de Epicuro, sendo papel do poeta fazer chegar aos homens tal verdade por meio da beleza de seus versos, qual um médico que, para curar seus pacientes, lhes ministra um horrível remédio em taças embebidas em doce e flavo mel (LUCRÉCIO, *DRN.* I, 921-950).

Com efeito, visando alcançar tais objetivos, Lucrecio estruturou seu poema de modo a espelhar, ou mimetizar, a ordem do *cosmos*, assim como apreendida pela ótica da física de Epicuro. Destarte, o *De rerum natura* divide-se em seis livros, formados por pares tripartites, nos quais se expõem as noções fundamentais da doutrina epicurista. Nos dois primeiros livros, o poeta trata dos elementos primordiais da matéria, os átomos, princípio invisível de todas as coisas visíveis, descrevendo a sua forma e o seu movimento, ao mesmo tempo em que apresenta as ideias basilares dessa doutrina filosófica, acerca do papel dos deuses na origem de tudo (papel esse que simplesmente não existia para o epicurismo²), e da tese de que nada vem do nada, o que nos leva a concluir, em sintonia com o poeta, que tudo o que existe é composto de uma matéria preexistente, nunca criada, mas eterna e indissolúvel. Nos livros III e IV, são discutidas as teorias a respeito da composição da alma humana, que, para a filosofia de Epicuro, também era material, composta de átomos, mas sem densidade, e por isso mesmo estava sujeita à corrupção, perecendo junto com o corpo. Além disso, nesses livros, aventa-se uma teoria do conhecimento com base nas sensações, que seriam a fonte de toda a ciência humana, de acordo com essa escola. Por fim, nos livros V e VI, afigura-se uma verdadeira cosmologia, na qual é perpassada a história da sociedade humana e de suas leis, para finalizar o poema com uma série de explicações a respeito dos fenômenos celestes, que tanto pavor provocavam nos homens.

A partir de tais considerações, é-nos perceptível o fato de o poeta sistematizar sua obra de modo a não apenas esclarecer e bem apresentar as doutrinas e ideias fundamentais ao epicurismo, mas igualmente intentar realizar uma imitação do *cosmos*, pela qual a formação do mundo se nos afigura *in fieri*, através de uma descrição gradual dos elementos que compõem a matéria, partindo da realidade atômica elementar até chegar à constituição do universo ordenado. A beleza que resulta de tal esforço foi a principal responsável por perpetuar até nós o texto do poema, tendo em vista as dificuldades que poderia representar, para transmissão da obra aos pósteros, o seu conteúdo epicurista, que estava em desacordo com muitas das doutrinas que serviram de base para a cultura ocidental, desde o platonismo espiritualista até à religião cristã. Ademais, tal beleza, presente na estrutura magna da obra, também se revela em certas passagens do *De rerum natura*, capazes de condensar com rara força poética inúmeros aspectos da doutrina epicurista. Uma dessas passagens é o próêmio do poema, conformado por um hino a Vênus, que nos propomos a traduzir aqui.

Com isso, nossa tradução visa verter ao português um dos trechos mais célebres de toda a obra, primando sempre por uma aproximação com o sentido do texto original, porque pretendemos manter o quanto nos for possível a estrutura gramatical e sintática da versão latina, de modo a fazer com que a nossa tradução venha a espelhar esse mesmo texto, sem assim torná-lo ilegível em português, sempre nos preocupando com a

² E não existia porque para o epicurismo, embora os deuses fossem forças da natureza, igualmente corpóreas, mas eternas, eles nada tinham a ver com a criação do mundo, que, aliás, sequer fora criado, já que sempre existira, ou, ao menos, a matéria atômica que o conformava. Segundo os ensinamentos de Epicuro, os deuses viviam em estado de perfeita autossuficiência, não se metendo nas coisas humanas, nem cobrando oferendas de nenhum tipo, pois a nós permaneciam indiferentes.

clareza da exposição. Para tanto, deixamos claro não se tratar aqui de uma versão poética da passagem em questão, tendo em vista que não procuramos recriar os versos e os ritmos do original por meio de uma equivalência métrica com o idioma de chegada, embora tenhamos nos utilizado, para traduzir o hino, de versos livres e brancos em português, que nos permitiram seguir um padrão de fidelidade ao texto em latim, ainda que, muitas vezes, incorrêssemos em prosaísmos, algo de todo inevitável numa proposta como a nossa.

Quanto ao trecho aqui traduzido, atestamos ser ele um dos que mais atijaram a curiosidade da crítica, por culpa de seu caráter polêmico, em se tratando de uma obra que, seguindo os princípios da escola epicurista, deveria afastar dos homens as crenças tradicionais sobre os deuses que a religião os acostumou a aceitar. Desse modo, quando, ao início de seu poema, o autor invoca o auxílio e proteção de uma divindade do panteão tradicional, chegando a condicionar à atuação dela a salvação do povo romano, perdido em guerras e conflitos políticos, ao tempo da composição do *De rerum natura*, tal atitude soaria estranha e contraditória aos críticos da obra, que veriam nela algo mais do que uma rendição aos modelos formais da tradição literária, que, desde os primórdios da épica antiga, preconizava o início de todo poema principiar por uma invocação às Musas, filhas de Zeus e Mnemosine. Para eles, essa concessão do poeta seria vista como um ato de capitulação frente os valores da cultura romana, os quais ele não teria abandonado de todo, em sua empresa de propagação da filosofia de Epicuro.

No entanto, tal análise a nós nos parece equivocada, se levarmos em consideração a pluralidade de sentidos que essa passagem do poema evoca. Num primeiro momento, caberia discutir se realmente a Vênus representada no proêmio equivaleria à versão tradicional da deusa, difundida e propagada pela religião e pela tradição literária precedente. Afigura-se-nos que tal fato não procede porque, embora a Vênus lucreciana guarde características típicas da imagem consagrada pelos poetas, ela também, e sobretudo, simboliza aspectos relevantes da filosofia epicurista, como uma representação alegórica da própria força motriz da natureza que cria todas as coisas, gerando a vida, mas alternando com Marte, seu consorte, também prefigurado no proêmio, a primazia sobre a ordem cósmica, que, sem ela, passa a entrar num estado de entropia, resultante da degradação da matéria atômica, num ciclo eterno e constante de união e dissolução dos corpos existentes. Além disso, a composição dessas duas divindades ao início do poema parece também remeter a certos valores importantes da cultura romana, já que ambos os deuses estão associados ao passado mítico de Roma³, sendo integrados ao epicurismo latente nesses versos, de modo a despertar o interesse do leitor, por via de seu nacionalismo, para as questões prementes discutidas na obra, as quais Lucrécio reputaria essenciais à salvação comum do povo romano⁴. Eis, em suma, os principais apontamentos que poderíamos fazer acerca da configuração do texto lucreciano.

³ Por Vênus ser a mãe de Enéias, troiano sobrevivente da guerra de Tróia, que, segundo o mito, teria chegado a Itália depois de fugir de sua cidade natal em busca de fundar uma nova urbe, e lá teria dado início à descendência cujo destino, por meio de Rômulo, seria formar o maior império da antiguidade. Já Marte é apontado pela tradição como pai do próprio Rômulo, fundador das cidadelas de Roma.

⁴ O empenho cívico de Lucrécio em procurar oferecer uma alternativa ao declínio político por que passava a República romana, no período de composição do poema, por meio da filosofia epicurista, que o poeta cria ser a única capaz de aplacar os males da corrupção moral que grassava em seu meio social, torna-se notório em diversas passagens do *De rerum natura*, mas em especial nesse proêmio em que se faz clara referência às tribulações políticas do período, e é solicitado à deusa Vênus a intervenção em tal caso, devido à sua influência sobre o deus Marte, senhor da guerra e da morte.

No mais, seria adequado, antes de finalizarmos esta breve introdução à nossa tradução do hino à Vênus, apresentar uma simples divisão das partes que o compõem. Este hino é constituído, segundo a forma tradicional, por uma invocação que se dirige diretamente à deusa, um elogio à potência divina, e um pedido. Ainda no proêmio, após essa passagem (v. 1-43), temos a exposição de alguns princípios da doutrina epicurista a respeito da impassibilidade e inatividade dos deuses (v. 44-49). Esses últimos versos são motivo de grande discordância entre os filólogos quanto ao seu estabelecimento no texto, devido a sua repetição no Livro II (v. 646-651). Alguns estudiosos defendem que esses versos tenham sido interpolados ao texto, muito provavelmente para acentuar uma contradição com relação ao hino à deusa, propondo, dessa forma, sua retirada da obra (CECCARELLI, 2002, p. 67-68). Já outros argumentam que esses versos faziam parte do texto original, afirmando que Lucrécio teve a intenção de escrever uma passagem que colocasse o hino à Vênus de acordo com a teoria epicurista⁵.

Desta forma, podemos dividir a passagem da seguinte maneira: na primeira parte (v. 1-20), encontramos a invocação à deusa, que é feita por meio de seus epítetos (“*genetrix*”, “*uoluptas*” e “*alma*”), e o elogio da potência divina, apresentando-se a sua epifania e atribuindo-se a ela a geração de todos os seres vivos (“*genus animantum*”), e a sua importância na fecundação e propagação das espécies. Na segunda parte (v. 21-27), temos a apresentação do argumento do poema, que é compor versos a respeito da natureza de todas as coisas, e também a dedicatória ao ilustre Mêmio. Na terceira parte do hino (v. 28-43), observamos a realização da prece à Vênus para que esta dê beleza perpétua à obra, e solicite a Marte a paz para os romanos.

Por fim, antes de apresentarmos nossa tradução, gostaríamos de aqui salientarmos que o texto base do qual nos servimos para verter o original latino ao português segue a edição espanhola do filólogo catalão Eduard Valentí Fiol (LUCRECIO, 1993), que, por sua vez, se baseia nos manuscritos de Leyden. Acreditamos que com isso estamos seguindo uma lição mais competente do texto, e para isso nos valem dos comentários mais eruditos tecidos pelo eminente filólogo acima referido em sua introdução ao poema.

1. Texto latino, *De Rerum Natura*, v. 1-49

PROEMIUM

- 1- *Aeneadum genetrix, hominum diuomque uoluptas,*
- 2- *alma Venus, caeli subter labentia signa*
- 3- *quae mare nauigerum, quae terras frugiferentis*
- 4- *concelebras, per te quoniam genus omne animantum*
- 5- *concipitur visitque exortum lumina solis:*
- 6- *te, dea, te fugiunt uenti, te nubila caeli*
- 7- *aduentumque tuum, tibi suavis daedala tellus*
- 8- *summittit flores, tibi rident aequora ponti*
- 9- *placatumque nitet diffuso lumine caelum.*
- 10- *Nam simul ac species patefactast uerna diei*
- 11- *et reserata uiget genitabilis aura fauoni,*

⁵ Neste trabalho assumiremos a posição de que esses versos se constituem como parte integrante do proêmio, mas não teorizaremos a respeito de suas possíveis contradições com o resto do texto, limitando-nos a traduzir a passagem aqui em seu todo.

12- *aeriae primum uolucris te, diua, tuumque*
 13- *significant initum, percussae corda tua ui.*
 15- *inde ferae pecudes persultant pabula laeta*
 14- *et rapidos tranant amnis: ita capta lepore*
 16- *te sequitur cupide quo quamque inducere pergis.*
 17- *denique per maria ac montis fluuiosque rapacis*
 18- *frondiferasque domos auium camposque virentis,*
 19- *omnibus incutiens blandum per pectora amorem,*
 20- *efficis ut cupide generatim saecula propagent.*
 21- *Quae quoniam rerum naturam sola gubernas*
 22- *nec sine te quicquam dias in luminis oras*
 23- *exoritur, neque fit laetum neque amabile quicquam,*
 24- *te sociam studeo scribendis uersibus esse,*
 25- *quos ego de rerum natura pangere conor*
 26- *Memmiadae nostro, quem tu, dea, tempore in omni*
 27- *omnibus ornatum uoluisti excellere rebus.*
 28- *quo magis aeternum da dictis, diua, leporem.*
 29- *effice ut interea fera moenera militiai*
 30- *per maria ac terras omnis sopita quiescant.*
 31- *Nam tu sola potes tranquilla pace iuuare*
 32- *mortalis, quoniam belli fera moenera Mauors*
 33- *armipotens regit, in gremium qui saepe tuum se*
 34- *reicit aeterno deuictus uulnere amoris,*
 35- *atque ita suspiciens, tereti ceruice reposta,*
 36- *pascit amore auidos inhians in te, dea, uisus,*
 37- *eque tuo pendet resupini spiritus ore.*
 38- *hunc tu, diua, tuo recubantem corpore sancto*
 39- *circumfusa super, suavis ex ore loquellas*
 40- *funde petens placidam Romanis, incluta, pacem.*
 41- *Nam neque nos agere hoc patriai tempore iniquo*
 42- *possumus aequo animo nec Memmi clara propago*
 43- *talibus in rebus communi desse saluti.*
 44- *omnis enim per se diuum natura necessest*
 45- *immortali aeuo summa cum pace fruatur*
 46- *semota ab nostris rebus seiunctaque longe;*
 47- *nam priuata dolore omni, priuata periclis,*
 48- *ipsa suis pollens opibus, nihil indiga nostri,*
 49- *nec bene promeritis capitur nec tangitur ira.*

2. Tradução do hino à Vênus

- 1- Geradora dos Enéadas, prazer dos homens e dos deuses
- 2- Ó Vênus nutriz, sob sinais correntes do céu
- 3- Tu que o mar navegável, e que as terras fecundas
- 4- Povoas, porque através de ti toda raça dos animais
- 5- É concebida e, nascida, contempla os raios do sol:
- 6- De ti, ó deusa, de ti fogem os ventos, de ti as nuvens do céu,
- 7- E do teu advento, para ti a terra engenhosa
- 8- Oferece as agradáveis flores, para ti riem as planícies do mar

- 9- E o plácido céu com a difusa luz brilha.
- 10- Pois, logo que a beleza primaveril do dia se iluminou
- 11- E a brisa revelada do fecundo favônio floresce
- 12- Primeiramente, as aves aéreas anunciam-te, ó deusa,
- 13- E a tua chegada, abaladas em seus corações com tua força.
- 15- Ali, os animais selvagens percorrem os férteis pastos
- 14- E atravessam os rios impetuosos: deste modo, cada um, prisioneiro de tua beleza,
- 16- Segue-te avidamente para onde tu continuas a induzi-lo.
- 17- Por fim pelos mares e pelos montes, pelos rios impetuosos,
- 18- E pelas frondosas moradas das aves, e pelos campos verdejantes,
- 19- Em todos inspirando no peito um agradável desejo,
- 20- Tu fazes com que avidamente as gerações se propaguem por espécies.
- 21- Já que, sozinha, governas a natureza das coisas
- 22- E sem ti nada para os divinos contornos da luz
- 23- Sai, e nada se faz contente nem amável,
- 24- Desejo que tu sejas companheira para escrever esses versos,
- 25- Os quais eu acerca da natureza das coisas empreendo compor
- 26- Para o nosso Mêmida, a quem tu, ó deusa, em todo tempo,
- 27- Ornado, desejaste exceder sobre todas as coisas.
- 28- Por isso dá, ó deusa, mais beleza perpétua às palavras.
- 29- Faze com que durante esse tempo os violentos espetáculos de toda guerra
- 30- Pelos mares e pelas terras, adormecidos, repousem.
- 31- Porque tu, sozinha, podes com a serena paz favorecer
- 32- Os mortais, pois que os violentos trabalhos da guerra Marte,
- 33- Belicoso, dirige, que muitas vezes para o teu seio
- 34- Lança-se, vencido pela eterna ferida do amor,
- 35- E desse modo, contemplando, o polido pescoço tendo sido reclinado,
- 36- Nutre os ávidos olhos com amor, desejando a ti, ó deusa,
- 37- E, igualmente, da tua boca pende a respiração daquele que está deitado.
- 38- Tu, ó deusa, sobre este que se deita, com teu corpo sagrado,
- 39- Envolvida, agradáveis palavras da boca verte,
- 40- Solicitando, ó ilustre, a branda paz aos romanos.
- 41- Por isso, neste tempo inimigo da pátria, nem agir
- 42- Podemos com ânimo justo, nem a gloriosa raça de Mêmio,
- 43- Faltar em tais coisas à salvação comum.
- 44- De fato, é necessário que por si toda natureza dos deuses
- 45- Usufrua com suma paz de tempo perpétuo,
- 46- Afastada e separada há muito dos nossos assuntos;
- 47- Pois, privada de toda dor, privada de males,
- 48- Excedendo a si mesma com seus recursos, desejosa de nada nosso,
- 49- Nem é efetivamente seduzida por favores, nem é tocada por ira.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Saulo Santana de. *A poética da emulação no De rerum natura*. 137 f. Dissertação (mestrado em Letras –Literatura, Teoria e Crítica) Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poetica, 1993.

_____. *Poética*. Introdução, tradução e notas de Paulo Pinheiro. 2º ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

CARO, Tito Lucrécio. *Da natureza*. Os pensadores. Tradução de Agostinho Silva. 1. Ed. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1973.

CARUS, Tito Lucretius. *De Rerum Natura*- livro I. Tradução de Juvino Alves Maia Jr., Hermes Orígenes Duarte Vieira, Felipe dos Santos Almeida. João Pessoa: Ideia, 2016.

CONTE, Gian Biagio. Insegnamenti per un lettore sublime. In: LUCREZIO. *La Natura delle Cose*. Introduzione di Gian Biagio Conte, traduzione di Luca Canali, testo e commento a cura di Ivano Dionigi. 15ª ed. Milano: BUR Rizzoli, 2008, p. 7-46.

EPICURO. *Obras*. Traducción de Montserrat Jufresa. 2ª ed. Madrid: Editorial Tecnos, 1994.

FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar Latino-Português*. 6ª ed. Rio de Janeiro: FAE, 1991.

LUCRECIO. *De La naturaleza*. Introducción, traducción y notas de Eduard Valentí Fiol. Barcelona: Casa Editorial BOSCH, 1993.

LUCREZIO. *De Rerum Natura*. A cura di Lucio Ceccarelli. Italia: Società Editrice Dante Alighieri, 2002.

_____. *Il poema della natura*. Testo latino e versione poetica di Pietro Parrella. Bologna: Nicola Zanichelli, 1953.

_____. *La natura delle cose*. Introduzione di Gian Biagio Conte, traduzione di Luca Canali, testo e commento a cura di Ivano Dionigi. 15ª ed. Milano: BUR Rizzoli, 2008.

PASQUAL, Gianluca. *Pietas, Sanctitas, Religio*: religione e laicità in Lucrezio e Cicerone. Milano: Mondadori, 2012.

SARAIVA, F.R. dos Santos. *Novíssimo dicionário Latino-Português*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2006.

TRAGLIA, Antonio. *Sulla formazione spirituale di Lucrezio*. Roma: Casa Editrice Gismondi, 1948.

TOOHEY, P. *Epic lessons – An introduction to ancient didactic poetry*. London; New York: Routledge, 2010.

TREVIZAM, Matheus. *Poesia didática – Virgílio, Ovídio e Lucrécio*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2014.

Data de envio: 15-09-2019

Data de aprovação: 26-11-2019
Data de publicação: 11-12-2019